

Escola Oficina No. 1: uma experiência de educação libertária em Lisboa, Portugal

Tatiana da Silva Calsavara. Doutora em Educação pela USP. Docente Pedagogia - Universidade de Santo Amaro. tcalsavara@gmail.com.

Este trabalho tem por objetivo discutir a experiência da Escola Oficina No. 1 de Lisboa, em Portugal. Busca-se compreender as peculiaridades, singularidades da experiência da escola oficina No. 1 em comparação com as demais experiências libertárias do período. Entre os principais objetivos destaca-se o de resgatar as peculiaridades desta experiência, identificar os elementos que a tornam uma experiência singular e que a diferencia das demais experiências de educação libertária entre fins do século XIX e início do século XX. A Escola Oficina N^o 1 foi criada em 1905 pela Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas como uma escola de ofícios, por maçons, republicanos e anarquistas. A princípio, tinha como objetivo formar artesãos, mas permaneceu aberta para novas experiências pedagógicas. O objetivo era atingir alunos de bairros operários, dando início a um projeto associado ao princípio da educação integral. Recebeu influência do movimento anarquista, em ascensão em Portugal no início do século XX e também dos modelos educativos da Educação Nova e dos Métodos Ativos. Em Portugal parece ter havido uma aproximação entre a concepção anarquista de educação e a Escola Nova. Este cruzamento entre anarquismo e Educação Nova concebeu um modelo educativo específico e original que se apresenta como um caso singular, destacando-se inclusive pela abundância de documentação e de fontes. Modelos educacionais como esse sofriam com a perseguição das autoridades fossem elas religiosas ou estatais. Por quanto tempo essa experiência sobreviveu? Sofreu perseguição? Quais as principais características desse modelo quanto à prática de ensino? Buscando respostas pertinentes ao trabalho a pesquisa recorreu à obra de Antonio Candeias, *Educar de outra forma: A Escola Oficina No. 1 de Lisboa. 1905-1930*. (Tese de doutoramento). Também foi consultado material de autoria de Adolfo Lima cedido por Antonio Nóvoa assim como documentação da Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas que se encontra hoje na Torre do Tombo, em Lisboa. Outra obra

importante para esta pesquisa é de autoria de João de Barros, *A República e a Escola*, na qual há um capítulo sobre a Escola Oficina No. 1. Adolfo Lima, figura significativa deste modelo, lecionou na Escola Oficina N^o 1 de 1907 a 1914 e teve o papel de agente principal da sua implementação. De origem aristocrática, nasceu em Lisboa, em 1874, simpatizou-se com o anarquismo e passou a partilhar de suas ideias, de forma discreta. Para Adolfo Lima, para melhor educar a criança seria necessário primeiro compreender as leis de seu desenvolvimento psicológico, afetivo, mental e físico, com a finalidade de adaptar o aprendizado aos diversos estágios do seu desenvolvimento. Como muitos outros educadores libertários, Adolfo Lima, deixou inúmeros escritos sobre educação criticando o sistema de ensino vigente e propondo mudanças. Para ele, o ensino clássico e o ensino profissional refletiam bem o conflito social: o ensino clássico era voltado para a elite e o profissional para os pobres. Como muitos anarquistas, ele também destacou que esta dualidade do ensino matinha a organização social de castas econômicas. Para ele, esta divisão dual do ensino era fruto da divisão das classes ou castas sociais e também, por outro lado, intensificava tal divisão. Tanto a educação clássica quanto a profissional eram incompletas, a seu ver, incapazes de formar indivíduos que pudessem exercer de maneira integral e consciente todos os seus direitos e suas liberdades. Para Adolfo Lima, a alternativa estaria na Educação Integral, em uma escola única, ou seja, um programa de ensino que unificasse os aspectos manuais da educação com os aspectos intelectuais, científicos, clássicos e artísticos. O núcleo fundamental em que se assentam as teorias sobre educação no pensamento de Adolfo Lima é a liberdade. Em primeiro lugar, a liberdade na educação, centrando na criança o processo de ensino-aprendizagem; em segundo lugar, o caráter integral da educação proporcionando uma educação completa, potencializando o desenvolvimento do indivíduo, como meio de combater as diferenças e os conflitos sociais, construindo uma nova sociedade e prevenindo novas desigualdades. A proposta de educação integral é fruto de uma reflexão crítica em torno das desigualdades sociais geradas por um ensino fragmentado e diferenciado, voltado para a manutenção da ordem social. Para os anarquistas, a nova sociedade, uma sociedade sem classes, só seria possível com pessoas que tivessem sido educadas para a liberdade, preparadas para tal liberdade, do

contrário, seria extremamente perigoso, podendo dar origem á ditaduras, á experiências mais perigosas que o capitalismo.